

# **EROTISMO E CRIAÇÃO CONTRA INAUTENTICIDADE, VIRILIDADE E AUTORITARISMO: É POSSÍVEL MUDAR AS REGRAS DO JOGO?**

Juliana Oliva\*

**Resumo:** O objetivo geral deste artigo é fomentar reflexões filosóficas acerca da presença e dos sentidos da virilidade na sociedade capitalista, especialmente no momento atual em que figuras autoritárias revelam-se fortemente presentes no cenário político do Brasil. Para tanto, este trabalho toma como pano de fundo a filosofia existencialista de Simone de Beauvoir e sua proposta de uma moral da ambiguidade fundamentada na ação pela qual o indivíduo assume-se como sujeito e objeto em seu desvelamento do mundo e na relação com o outro. Os tipos identificados por Beauvoir em atitudes inautênticas que derivam do medo de assumir essa ambiguidade bem como a própria liberdade, e as noções de reciprocidade e generosidade são elementos fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. No que concerne à virilidade, a proposta de fomento da reflexão é desdobrada também com a sugestão de diálogo entre Beauvoir e os autores Max Horkheimer e Herbert Marcuse e a autora Claudine Haroche. Desenhada a noção de virilidade e sua relação com a lógica agressiva do sistema capitalista e com a construção das categorias de Homem e Mulher respectivamente enquanto Um e Outro, por fim, apontamos, pela discussão acadêmica no campo da filosofia e também por uma construção poética da letra de música, que foge ao nosso rigor da pesquisa, imagens que, pelo erotismo e por aspectos positivos de um contrauniverso, oposto ao masculino, revelem possibilidades de abalarmos as engrenagens da virilidade e as estruturas que esta sustenta.

**Palavras-chave:** Beauvoir. Reciprocidade. Generosidade. Virilidade. Autoritarismo.

## **EROTICISM AND CREATION AGAINST INAUTENTICITY, VIRILITY AND AUTHORITARIANISM: IS IT POSSIBLE TO CHANGE THE RULES OF THE GAME?**

**Abstract:** The general aim of this article is to encourage philosophical reflections about the presence and meanings of virility in capitalist society, especially nowadays when authoritarian personalities are strongly present in Brazil's political scenario. For that purpose, this work takes as a background Simone de Beauvoir existentialist philosophy and her ethics of ambiguity proposal based on the action, for which the individual recognizes herself/himself as subject and object through her/his disclosure of the world and in the relation with the other. The types identified by Beauvoir in inauthentic attitudes which derive from fear of recognizing that ambiguity and also one's own freedom and the notions of reciprocity and generosity are fundamental elements for this work's development. About virility, our proposal of encouragement to reflection also unfolds with the suggestion of a dialogue among Beauvoir and the authors Max Horkheimer, Herbert Marcuse and Claudine Haroche. After having delineated the notion of virility and its relation with the capitalism aggressive logical and the construction of the Man and Woman categories as One and Other respectively, finally, we point, through the academic discussion in philosophy and also through a song lyric poetic construction, which escapes from our research rigour, images that, through eroticism and positive aspects of a "contra-universe" opposed to the masculine one reveal possibilities of unsettling the engines of virility and the structures it sustains.

**Keywords:** Beauvoir. Reciprocity. Generosity. Virility. Authoritarianism.

---

\* Doutora em Filosofia pela UNIFESP. Professora temporária do Departamento de Filosofia da Educação da Faculdade de Educação da USP.

# EROTISMO E CRIAÇÃO CONTRA INAUTENTICIDADE, VIRILIDADE E AUTORITARISMO: É POSSÍVEL MUDAR AS REGRAS DO JOGO?

Juliana Oliva

*Domination's the name of the game  
In bed or in life, they're both just the same  
Except in one you're fulfilled at the end of the day  
Let's play "Master And Servant"<sup>1</sup>*

Master and servant, Depeche Mode

1.

De caráter introdutório e ensaístico, este artigo parte de uma incursão por atitudes de indivíduos que, para tentar eximir-se da ausência de ser que marca a condição humana, recusam agir e moldam seus projetos conforme projetos alheios que tomam como absolutos. Das cinco atitudes consideradas inautênticas por Simone de Beauvoir (1908 – 1986), a atitude do apaixonado, se não segue a via do fanatismo, pode revelar-se uma experiência autêntica. A autenticidade do vínculo de paixão que conserva as singularidades de sujeito e objeto na relação remete-nos à própria reciprocidade na qual está baseada a moral existencialista beauvoiriana. No presente trabalho, tomamos então essa reciprocidade almejada pela filósofa e desdobramos este ponto importante de sua obra em uma breve reflexão sobre a oposição entre generosidade e virilidade – reflexão ainda inconclusa mas impulsionada pela urgência da situação atual que atravessa a escrita deste artigo, marcada pelo peso das forças autoritárias que ganharam campo significativo nos últimos anos no Brasil chegando ao governo do nosso país. A partir do pensamento de Beauvoir, apoiando-nos inclusive na análise da relação entre a construção da masculinidade e o domínio das mais diversas esferas da sociedade pelos homens presente em **O segundo sexo**, vislumbramos ampliar a fundamentação para uma discussão sobre a associação entre masculinidade, virilidade e a lógica agressiva do sistema capitalista.

2.

Estar no mundo implica o desvelamento do mundo. Por esta afirmação poderíamos começar a delinear a condição humana no contexto do existencialismo beauvoiriano. Para a filósofa francesa, a ausência de qualquer predeterminação no existir impele o ser humano a justificar sua presença neste mundo. Nesse sentido, a existência

<sup>1</sup> “Dominação é o nome do jogo / Na cama ou na vida, ambas são a mesma coisa / Exceto que em uma delas você está satisfeito no final / Vamos jogar ‘Mestre e Servo’” (DEPECHE MODE, 1984, tradução nossa).

# EROTISMO E CRIAÇÃO CONTRA INAUTENTICIDADE, VIRILIDADE E AUTORITARISMO: É POSSÍVEL MUDAR AS REGRAS DO JOGO?

Juliana Oliva

coincide com a liberdade: o ser humano não *é*, daí tende a buscar o *ser* fazendo algo de si por meio de seus atos, de suas escolhas.

A existência humana é marcada também pela facticidade. Nascemos no mundo dos outros. Em outras palavras, há um mundo comum construído por aquelas e aqueles que chegaram antes de nós e assim, nossa chegada é atravessada por uma situação que não escolhemos. Incidem na liberdade ontológica, coincidente com a existência, quando experienciada na concretude de um plano moral, limitações mais frouxas ou mais rígidas conforme momento histórico, localidade geográfica, sistema político vigente, gênero, etnia, condição material dentre outras condições que situam cada indivíduo.

Lançado no mundo, o sujeito beauvoiriano é o seu próprio corpo ao mesmo tempo em que a compreensão da própria presença no mundo e o desvelamento que realiza deste mundo por meio de seus projetos não escapam do olhar do outro. Se o corpo é o meio de alcance do mundo para o sujeito, Beauvoir inverte o corpo merleau-pontyano<sup>2</sup>, por exemplo, ao mostrar-nos como a situação das mulheres enquanto Outro em relação à construção da categoria de Homem enquanto sujeito absoluto atribui um peso negativo ao corpo feminino que será apreendido pela própria mulher desde sua formação, de modo que ela experiencie seu corpo por vezes com vergonha ou com nojo e principalmente como um obstáculo a seus projetos.

Vale notar que Beauvoir recusa uma ideia de natureza humana e essências como a feminilidade, o que permite-nos sustentar uma crítica à inferioridade das mulheres entendendo essa condição como uma construção social. Construção estruturada por uma situação histórica em que o homem é reconhecido como Um, como sujeito absoluto. As mulheres participam desse reconhecimento uma vez que, em sua situação, também desvelam a figura masculina como sinônimo de superioridade. Ao mesmo tempo, corpos conscientes que, tal como os homens fazem-se presentes no mundo como liberdade, as mulheres podem então tomar consciência da invenção de sua inferioridade e recusar o mundo desvelado no qual sua subjetividade é desconsiderada.

Notemos então que o mundo compartilhado constitui-se do entrecruzamento de projetos de corpos-sujeitos diferentes e que o fim de um projeto não define o indivíduo

<sup>2</sup> Apresentei em minha tese de doutorado intitulada **Da sexualidade reificada à reciprocidade erótica no pensamento de Beauvoir** alguns comentários sobre a discussão a respeito da abordagem pela filósofa francesa do corpo feminino em **O segundo sexo** entre outras pesquisadoras. (Cf. OLIVA, 2018, p.41-43).

# EROTISMO E CRIAÇÃO CONTRA INAUTENTICIDADE, VIRILIDADE E AUTORITARISMO: É POSSÍVEL MUDAR AS REGRAS DO JOGO?

Juliana Oliva

definitivamente. Assim, existir, relacionar-se com o mundo e com o outro, atribuindo sentido humano ao que está ao redor, é um *tornar-se*, e implica escolher a cada instante. As razões de existir são criadas conforme existimos. Os valores que buscamos fundar são desvelados a cada ato sem forma predeterminada.

Por outro lado, por nascermos no mundo dos outros, quando crianças conhecemos um mundo “pronto”, dado, determinado por valores, respostas e regras das pessoas adultas que nos cercam. Até a adolescência vivemos o que Beauvoir, em **Por uma moral da ambiguidade** (1947), chama “privilégio metafísico” (BEAUVOIR, 2005, p. 35), uma vez que ainda não damos conta do peso de nossos atos nem da própria consciência que temos de nós e do mundo. Com o amadurecimento, o indivíduo adolescente poderá notar contradições entre o que lhe foi ensinado e as ações dos adultos, além de ser convidado a participar do mundo, não apenas escolhendo mas assumindo responsabilidade por suas escolhas. É nesta passagem que Beauvoir entende que um teto de valores desaba e que o sujeito deve justificar a sua existência sem que ainda tenha um passado. (Cf. BEAUVOIR, 2005, p. 38-39)

Ao percebermos a fragilidade do mundo dado que conhecemos durante a infância, sabemos que no desvelamento do ser é impossível fixá-lo. O indivíduo tem então uma verdade parcial do mundo comum a todos e ao impor a sua verdade como única desconsidera a subjetividade alheia. Ao mesmo tempo em que o outro é a condição para sua liberdade. Nesse contexto nossos atos tem um peso moral e cada escolha é uma escolha moral.

A respeito da moralidade, faz-se importante pontuar que a proposta moral beauvoiriana recusa um conjunto de valores e princípios fixados que dirija o indivíduo. Ser moral é deixar a contingência do plano ontológico e fazer da nossa existência necessária (Cf. BEAUVOIR, 1965, p. 71); ou seja, é reconhecer e tentar responder a inquietação do “para que?” que desponta em si. (BEAUVOIR, 2005, p. 63) Buscar essas respostas é assumir o vazio da existência e a responsabilidade por justificá-la pela criação da ação no mundo. (Cf. BEAUVOIR, 1965, p. 71) O próprio humano é a interrogação “para que?” da qual fala Beauvoir em **Por uma moral da ambiguidade** e “só foge dela [da interrogação] fugindo de si, e desde que existe, responde.” (BEAUVOIR, 2005, p. 63).

Nesse sentido, ao existir, o humano não escapa de dar sentido ao mundo e à sua presença nele e assim adentrar um campo moral. O existencialismo vem enfatizar esta condição inescapável e reforçar neste campo a autonomia do sujeito.

# EROTISMO E CRIAÇÃO CONTRA INAUTENTICIDADE, VIRILIDADE E AUTORITARISMO: É POSSÍVEL MUDAR AS REGRAS DO JOGO?

Juliana Oliva

Contudo, a filósofa francesa existencialista não deixa de alertar-nos sobre o desejo de escapar ao drama da escolha original. Não é incomum que o indivíduo adulto se refugie na má-fé de universos que o apequenem, como se pudesse voltar a ser criança.

3.

Para além de uma pura espontaneidade, é importante para Beauvoir que nossa ação no mundo seja autenticamente moral. Nesse sentido, seria preciso aceitar que o desvelamento do mundo não fixa o ser e atentar-se para que o fim de cada projeto conserve a liberdade do próprio sujeito e a liberdade alheia. Do contrário, pisamos no terreno da má-fé, a saber, da inautenticidade. A recusa da escolha e o desejo de retornar ao estado em que desconhecia a própria existência em seu corpo e a imersão de seu ser na totalidade do mundo bem como a relação livre e contingente com o que está ao seu redor, descarta o próprio agir do sujeito. Como se pudesse escolher ser criança outra vez, o indivíduo desconsidera a própria subjetividade e elege objetividades às quais entrega a direção de seus atos. Em **Por uma moral da ambiguidade**, Beauvoir analisa a inautenticidade das atitudes desses indivíduos identificando-os em cinco tipos: o sub-homem, o homem sério, o niilista, o aventureiro e o apaixonado. (Cf. BEAUVOIR, 2005, p. 45)

Começamos com o medo de fazer-se falta de ser, de lançar-se no mundo. A primeira atitude descrita por Beauvoir, a do sub-homem, é a de recusa da existência. “Quanto menos ele existe, menos há para ele razões de existir, uma vez que essas razões só se criam existindo.” (BEAUVOIR, 2005, p. 41). Ele possui olhos e ouvidos, mas faz-se cego e surdo numa relação insignificante com o mundo como se ele próprio pudesse transmutar-se num ser em si. A entrega de si à absurda facticidade o leva a fazer escolhas incoerentes e a agir pelo desejo do outro. Numa atitude de indiferença, pode tornar-se uma “força cega” instrumentalizada:

monarquista ontem, anarquista hoje, ele é mais voluntariamente anti-semita, anticlerical, anti-republicano [...] Nos linchamentos, nos *pogrons*, em todos os grandes momentos sangrentos e sem riscos organizados pelo fanatismo da seriedade e da paixão, é entre os sub-homens que se recruta a mão-de-obra. (BEAUVOIR, 2005, p. 42)

# EROTISMO E CRIAÇÃO CONTRA INAUTENTICIDADE, VIRILIDADE E AUTORITARISMO: É POSSÍVEL MUDAR AS REGRAS DO JOGO?

Juliana Oliva

Contudo, a alheabilidade que busca o sub-homem não o torna um fato bruto nem o permite escapar do vazio da existência e o medo da imprevisibilidade e da incerteza da existência persistem em ilusões ameaçadoras:

Esmagado pelos acontecimentos presentes, ele [o sub-homem] fica perdido diante das trevas do futuro, que é assombro por espectros assustadores: a guerra, a doença, a revolução, o fascismo, o bolchevismo. Quanto mais indistintos forem esses perigos, mais temíveis são: o sub-homem não sabe ao certo o que tem a perder, uma vez que nada possui, mas essa própria incerteza reforça seu terror: o que ele teme de fato é que o choque do imprevisto lhe traga de volta a angustiante consciência de si mesmo. (BEAUVOIR, 2005, p. 42-43)

No fanatismo pela seriedade, o indivíduo perde-se enquanto subjetividade no próprio objeto que toma como causa absoluta. Essa imagem da dissolução da subjetividade marca a segunda atitude inautêntica que aparece em **Por uma moral da ambiguidade**: o homem sério. E é porque todo ser humano já foi criança e conheceu a suposta segurança nos valores dados que evita a dúvida e o risco que esta é para Beauvoir a atitude inautêntica mais difundida. (Cf. BEAUVOIR, 2005, p. 44)

Porém vale notar que no período da infância desconhecemos a experiência ontológica do estar no mundo ao passo que o adulto escolhe recalcar sua liberdade em nome de um conjunto de valores prontos que ele se propõe a seguir. Beauvoir compreende essa escolha como renegação “[d]a tensão subjetiva da liberdade”, e como uma interdição do “querer universalmente a liberdade num movimento indefinido” (BEAUVOIR, 2005, p. 45) pois ao colocar acima de sua subjetividade o valor incondicionado de um objeto, o homem sério sacrificará a subjetividade e a liberdade dos outros indivíduos sem questionar o que o leva a agir.

O teto de valores da infância, entretanto, considera a criança “uma liberdade diante da qual é preciso abrir o futuro” e por isso a prepara para o mundo (Cf. BEAUVOIR, 2005, p. 114-115), enquanto o movimento cego do homem sério coloca-nos questões complexas sobre a gravidade da diluição da subjetividade e por conseguinte da liberdade em um objeto tomado como absoluto.

O homem sério não põe nada em questão; para o militar, o exército é útil; para o administrador colonial, a estrada; para o revolucionário sério, a revolução: exército, estrada, revolução, produções que se tornam ídolos inumanos aos quais não se hesitará em sacrificar o próprio homem [ser humano] [...] O administrador colonial

# EROTISMO E CRIAÇÃO CONTRA INAUTENTICIDADE, VIRILIDADE E AUTORITARISMO: É POSSÍVEL MUDAR AS REGRAS DO JOGO?

Juliana Oliva

que elevou a estrada à altura de um ídolo não terá escrúpulo em assegurar sua construção ao preço de um grande número de vidas indígenas; pois qual o valor de uma vida indígena inábil para construir estradas, ineficaz ou preguiçoso? A seriedade conduz a um fanatismo tão terrível quanto o fanatismo da paixão: é o fanatismo da Inquisição que não hesita em impor um credo, isto é, um movimento interno, por meio de coerções externas; é o fanatismo dos Vigilantes da América que defendem a moralidade através de linchamentos; é o fanatismo político que esvazia a política de qualquer conteúdo humano e impõe o Estado, não para os indivíduos, mas contra eles. (BEAUVOIR, 2005, p. 45-46)

É importante notar que uma moral, valores, o Estado e outras instituições, e mesmo o sentido da própria ideia de “utilidade”, são criações das próprias mãos humanas. Assim, entregar-se cegamente a uma dessas causas ou a qualquer outra é engajar-se num projeto alheio, como vimos, e ainda, faz-se necessário interrogarmo-nos acompanhando Beauvoir sobre como chegamos a criações em que o humano está ausente. Interrogação que pode ser estendida a outros questionamentos: por que agir de uma ou de outra maneira? Nossas ações são úteis? São elas úteis para quem? Quem poderia dizer o que seria a utilidade? Será que quando escolhermos, colocamos a situação do outro em questão? Ou, apenas em segredo, fingimo-nos crianças que obedecem aos pais, aos professores, a um herói, a um ídolo ou a um mito quaisquer? Do que esses seres tidos como superiores supostamente nos salvariam?

As contradições do jogo da seriedade baseiam-se em recusas, não apenas da escolha que a existência impõe, mas também do mundo ao qual o indivíduo sério se opõe.

Para justificar o que os comportamentos têm de contraditório, de absurdo, de escandaloso, o homem sério se refugia de bom grado numa contestação da seriedade de outrem que ele contesta, não a sua própria. É assim que o administrador colonial não ignora o jogo da ironia; ele contesta a importância da felicidade, do conforto, da própria vida do indígena, mas reverencia a Estrada, a Economia, o Império Francês, reverencia-se a si mesmo como servidor dessas divindades. (BEAUVOIR, 2005, p. 46)

A criação dessas “divindades” está assentada na desumanização do outro. Na situação que Beauvoir menciona como exemplo, na contestação da seriedade do mundo do nativo por parte do processo de colonização baseado em ideais tidos como absolutos, a vida do indígena é descartada. Ora, mas a Estrada e a Economia, por exemplo, são criadas e alçadas à superioridade pelo desvelamento humano. O projeto do colonizador – violentamente, vale notar – impõe a sua própria verdade como única e afirma a sua



# EROTISMO E CRIAÇÃO CONTRA INAUTENTICIDADE, VIRILIDADE E AUTORITARISMO: É POSSÍVEL MUDAR AS REGRAS DO JOGO?

Juliana Oliva

subjetividade como superior por meio da fixação do indígena como objeto. A reverência a ideais que desconsideram a vida, a desumanização do outro e o não reconhecimento de seus projetos por vezes desconsideram *certas vidas*, já que é a vida do colonizador que alcançará melhores condições.

Por outro lado, o homem sério nem sempre será beneficiado pela causa à qual serve. Aliás, não é a possibilidade de beneficiar-se, é a busca cega por valores dados que impulsiona seu engajamento. Mas é importante lembrar do aspecto dinâmico da vida que marca a impossibilidade de fixar o ser e da necessidade de justificar a existência a cada instante. Nada é definitivo e a realidade sempre pode ser transformada. As divindades podem ser abaladas. E o que o homem sério fará quando aquilo ou aquele que é reverenciado cair? Beauvoir afirma que “a seriedade é uma das maneiras de buscar realizar a impossível síntese do em-si e do para-si; o homem sério se quer deus; ele não o é e sabe disso.” Podemos compreender que em alguma medida a queda da divindade pode ser também a frustração do homem sério no que concerne à afirmação absoluta de seu próprio ser, como se pudesse fundir-se com o mundo sério reverenciado. (BEAUVOIR, 2005, p. 47) Assim, se esse indivíduo não encontra mais fora de si justificativas para sua existência, se não encontra outros objetos para os quais converter-se, a vida perde-lhe o sentido. Restam então o retorno à atitude do sub-homem ou o suicídio.

Além do suicídio ou da postura do sub-homem, o fracasso da seriedade, numa inversão radical, pode desembocar numa outra atitude inautêntica: o niilismo. O niilista, “em vez de realizar sua negatividade como momento vivo, concebe seu aniquilamento de uma maneira substancial” (BEAUVOIR, 2005, p. 48) Ou seja, pela atitude niilista, o sujeito deseja fixar a ausência de ser própria da condição humana. Para não lidar mais com a liberdade e com o risco do fracasso que ele conhece, ele deseja não ser nada.

Por outro lado, o desejo por aniquilamento como reação à decepção com o mundo sério revela um apego à própria seriedade, sustenta a filósofa; já que para que valores sejam recusados, é preciso que estes existam. E ainda, para que seja nada, o niilista “precisará contradizer incessantemente o movimento da existência” (BEAUVOIR, 2005, p. 69); ele deseja a ausência de ser, que se impõe a ele para que ele a justifique, como sua própria essência.



# **EROTISMO E CRIAÇÃO CONTRA INAUTENTICIDADE, VIRILIDADE E AUTORITARISMO: É POSSÍVEL MUDAR AS REGRAS DO JOGO?**

Juliana Oliva

Também esse desejo por tomar o nada como o único ser pode resultar no suicídio, assim como na degradação do próprio corpo ou da própria mente, ou ainda, no retorno à seriedade. Nesse cenário, vale notar que para além da experiência singular do niilista, o desejo por aniquilar a sua presença no mundo acarreta a necessidade de que toda humanidade deixe de existir, uma vez que o desvelamento do mundo por outrem afirma a presença do próprio niilista. (Cf. BEAUVOIR, 2005, p. 50)

Ao mesmo tempo Beauvoir não deixa de notar que a ambiguidade da condição humana é experienciada na atitude niilista. Mas a liberdade não se realiza autenticamente, uma vez que o indivíduo niilista não justifica a sua falta de ser. Não é que o niilista se coloque “como a existência positiva de uma falta”, entende a filósofa, “mas como uma falta no cerne da existência”, ao que ela completa: “ao passo que, na verdade a existência não falta a si mesma enquanto tal.” (BEAUVOIR, 2005, p. 51)

Um movimento mais positivo na experiência da ambiguidade, baseado na alegria e na gratuidade, aparecerá na atitude do aventureiro em relação à falta. A partir do vazio, a atitude aventureira tem como base a realização da liberdade, o movimento transcendente do engajamento em seu empreendimento, mas há no aventureiro um desapego ao fim visado. O gosto da aventura estaria então apenas na ação pela ação de uma conquista. Por lançar-se desligado de uma meta e de expectativas por êxito ou fracasso, o aventureiro é considerado por Beauvoir próximo de uma atitude autenticamente moral.

Mas seria mesmo o aventureiro desprendido de fins em seu atos? A filósofa francesa pontua que de algum modo a aventura ajuda a mascarar fins secretos, como a fortuna ou a glória.

Proclamam [certos aventureiros] seu ceticismo em relação aos valores reconhecidos; não levam a política a sério; apóiam-se nela para se fazerem colaboracionistas em 1941, comunistas em 1945; e é verdade que zombam dos interesses franceses, dos do proletariado, mas são apegados a sua carreira, a seu sucesso [...] A aventura também pode ser penetrada por paixão; o gosto pela conquista com frequência se liga sutilmente ao da posse. Don Juan gosta apenas de seduzir? Ele também não gosta das mulheres? Ou até, ele não busca uma mulher capaz de preenchê-lo? (BEAUVOIR, 2005, p. 53)

A chave para interpretar a atitude aventureira está então na presença de outrem, na intersubjetividade baseada no reconhecimento da presença da subjetividade alheia no mundo, que não tem lugar na aventura. O aventureiro não leva em conta a existência de outrem e é

# **EROTISMO E CRIAÇÃO CONTRA INAUTENTICIDADE, VIRILIDADE E AUTORITARISMO: É POSSÍVEL MUDAR AS REGRAS DO JOGO?**

Juliana Oliva

indiferente ao sentido humano de sua ação. É uma atitude autenticamente livre, a saber, uma atitude moral, busca prolongar também a liberdade do outro. No que diz respeito à possibilidade de autenticidade na atitude aventureira, para Beauvoir:

[O] aventureiro esboça um comportamento moral porque assume positivamente sua subjetividade; mas se ele se recusa com má-fé a reconhecer que essa subjetividade se transcende necessariamente na direção de outrem, ele se encerrará numa falsa independência que será na verdade servidão. Para o homem livre, ele será apenas um aliado casual ao qual não se dá confiança, ele se tornará facilmente um inimigo. Seu erro é crer que se pode algo por si sem os outros e até mesmo contra eles. (BEAUVOIR, 2005, p. 56)

A chance de reconhecimento da subjetividade do outro aparece então na quinta e última atitude. O “apaixonado” tem para si um objeto como absoluto, mas é ele próprio que assim desvela seu objeto de paixão. Diferente da seriedade, em que sujeito e objeto estão desligados, a atitude apaixonada é marcada por uma relação na qual o sujeito não toma o objeto enquanto absoluto como dado; o que torna esse objeto digno de paixão é o olhar do próprio sujeito.

No terreno amoroso é essa a relação estreita entre sujeito e objeto que sustenta os encantos da paixão. Pode haver autenticidade na atitude apaixonada desde que haja participação do sujeito no valor que caracteriza o objeto da paixão. Segundo Beauvoir:

particularmente na paixão amorosa, não se deseja que o ser amado seja admirado objetivamente; prefere-se pensá-lo como desconhecido, mal conhecido; achamos que nos apropriamos mais dele se formos os únicos a desvelar seu valor. É isso o que toda paixão apresenta de autêntico; o momento da subjetividade nela se afirma com brilho sob sua forma positiva, num momento rumo a um objeto. (BEAUVOIR, 2005, p. 56-57)

Apaixonar-se então, da perspectiva existencialista beauvoirana, não implica necessariamente dependência do objeto nem um desejo pela posse de seu ser para justificar o vazio da existência, que seriam características de uma paixão maníaca, pela qual pode-se chegar à tirania: é possível que o apaixonado imponha a outrem sua vontade de que o objeto de sua paixão seja a única coisa significativa no mundo. E quando o objeto de paixão de um “interessa ao conjunto do mundo” (Cf. BEAUVOIR, 2005, p. 56-58) a paixão maníaca pode tornar-se base para o fanatismo. Tudo que não for o objeto de paixão pode aparecer ao

# EROTISMO E CRIAÇÃO CONTRA INAUTENTICIDADE, VIRILIDADE E AUTORITARISMO: É POSSÍVEL MUDAR AS REGRAS DO JOGO?

Juliana Oliva

apaixonado fanático como obstáculo que por vezes ele não hesitará em destruir. O perigo aparece novamente na seriedade:

Em todos os movimentos fanáticos, existe uma parcela de seriedade; os valores inventados por outros homens numa paixão de ódio, de medo, de fé são pensados e desejados por outros como realidades dadas [...] a paixão maníaca representa uma danação para aquele que a escolhe, e para os outros homens ela é uma das formas da separação que divide as liberdades; ela leva à luta e à opressão. Um homem que busca o ser longe dos outros homens o busca contra eles ao mesmo tempo em que ele próprio se perde. (BEAUVOIR, 2005, p. 58)

Vale notar que a autenticidade da paixão está ligada ao reconhecimento da distância que nos separa enquanto singularidades e à aceitação da alteridade. Para Beauvoir, é preciso que o apaixonado aceite a distância que o separa do objeto e é a aceitação desse dilaceramento um ato generoso.

O amor é então renúncia a toda posse, a toda confusão, renuncia-se a ser a fim de que haja este ser que não se é. Uma generosidade como essa não pode, aliás, ser exercida em proveito de qualquer objeto; não se poderia amar em sua independência e em sua separação uma pura coisa, pois a coisa não possui independência positiva. (BEAUVOIR, 2005, p. 59)

Assim, o amor realça a falta de ser da condição humana de maneira positiva e a ambiguidade dessa condição. O sujeito que ama não pretende transformar o objeto em pura coisa e apreendê-lo em seu em-si. Pelo contrário, ele o deseja na distância do deslocamento, e assim reconhece-o enquanto liberdade e, por conseguinte, enquanto subjetividade. Nesse tipo de relação aparece a reciprocidade por meio da generosidade do reconhecimento mútuo fundado a partir do desvelamento pelo apaixonado. É nesse movimento no qual a necessidade do outro é reconhecida pelo sujeito para que ele próprio se faça presente em que está baseada a moral existencialista beauvoiriana.

Ao delinear a condição humana livre de uma natureza e de essências, Beauvoir recusa também atribuir uma natureza à alteridade. A hostilidade que poderíamos entrever nas imagens da passagem conhecida como “dialética do senhor e do escravo” na **Fenomenologia do Espírito** (1807) de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), pela perspectiva existencialista beauvoiriana, perde o sentido na experiência ontológica do indivíduo ao descobrir-se corpo-sujeito presente no mundo, a saber, na relação com este mundo e com o outro.

# EROTISMO E CRIAÇÃO CONTRA INAUTENTICIDADE, VIRILIDADE E AUTORITARISMO: É POSSÍVEL MUDAR AS REGRAS DO JOGO?

Juliana Oliva

“Cada consciência persegue a morte do outro”, disse Hegel. E, com efeito, outrem me furta a cada instante o mundo inteiro; o primeiro movimento é odiá-lo. Mas esse ódio é ingênuo e a inveja logo se contesta a si mesma; se eu verdadeiramente fosse tudo, não haveria nada ao meu lado, o mundo seria vazio, não haveria nada a ser possuído e eu mesmo não seria nada. [...] Querer que haja ser é também querer que existam homens por quem e para quem o mundo seja dotado de significações humanas; só se pode revelar o mundo sob um fundo de mundo revelado pelos outros homens [seres humanos]; nenhum projeto se define a não ser por sua interferência com outros projetos; fazer “com que haja” ser é comunicar-se através do ser com outrem. (BEAUVOIR, 2005, p. 62)

Beauvoir vai de encontro a uma noção de intersubjetividade baseada na luta de vida ou morte hegeliana por reconhecimento e reforça o quão fundamental é a presença de outros sujeitos para que um projeto seja realizado concretamente. Ao mesmo tempo, a filósofa não ignora o traço espinhoso da relação intersubjetiva. Seja no desejo de afirmar sua liberdade ou de fugir dela, há sempre um outro.

Talvez, em algum momento todo indivíduo tenha desejado fixar o ser desvelado: que um momento dure eternamente, que um sentimento sempre o acompanhe ou que uma situação se revele definitiva. Mas o instante passa, a vida se movimenta, o futuro se abre para nos modificarmos. É preciso desvelar o ser a todo instante. E nenhuma subjetividade está só, não há consciência soberana.

4.

Em **O segundo sexo** Beauvoir identifica a “aplicação mais concreta” da dialética hegeliana do senhor e do escravo na relação entre homem e mulher mantida pelo casal – em que marido, “oprimindo, torna-se opressor oprimido” (BEAUVOIR, 2009, p. 642) pela exigência de sua esposa por sucesso em sua carreira e em seus ganhos – mas essa mesma imagem se esgota por não ter havido na formação e na situação bem como na história da mulher condições para a inversão das posições de sujeito e objeto na relação com o homem que alterem a oposição Um x Outro. A extensa pesquisa de Beauvoir nesse ensaio é uma investigação do tornar-se mulher: do aprendizado das maneiras, dos gestos, do papel, das experiências permitidas e nutridas que reverberam em ações; do lugar, dos modos como sente o próprio corpo e como se sente nesse corpo; além do modo como apreende a própria subjetividade a partir do reconhecimento e identificação de parte dos seres humanos como “mulher”.

# EROTISMO E CRIAÇÃO CONTRA INAUTENTICIDADE, VIRILIDADE E AUTORITARISMO: É POSSÍVEL MUDAR AS REGRAS DO JOGO?

Juliana Oliva

Acompanhando Beauvoir, sabemos que a mulher é relegada a um lugar designado por uma relação hierárquica que a situa enquanto Outro em contraposição à afirmação do homem como Um, sujeito absoluto. E por estar envolta em uma situação em que por vezes aprende a aceitar esse lugar como natural e até mesmo como um privilégio – no caso da “rainha do lar”, por exemplo (Cf. BEAUVOIR, 2009, p. 582) – é que a mulher escapa de uma luta por reciprocidade. Não há reciprocidade entre Um e Outro, entre as categorias Homem e Mulher; um fundo comum mina as possibilidades de desvelamento de uma outra realidade e de transcendência da sua situação para cada mulher.

Contudo, se tomarmos a ausência de ser que caracteriza a condição humana para Beauvoir e nos impele a justificar nossa existência, essa hierarquia entre os indivíduos cai por terra. Ou seja, os valores, as verdades e a história que sustentam a inferioridade da mulher que conhecemos são construções sociais, situações estruturadas e sustentadas às custas da inferiorização de um outro pelo indivíduo ou grupo que impõe seu projeto como única verdade.

Assim, considerando a alteridade que sustenta a superioridade intrínseca à masculinidade, a partir da compreensão das categorias de Homem e de Mulher enquanto Um e Outro respectivamente, faz-se importante também compreender a masculinidade como categoria socialmente construída e não enquanto natureza nem essência. Nessa construção é possível localizar a virilidade, cuja definição no contexto do pensamento beauvoiriano pretendemos desenhar ancoradas também em reflexões filosóficas de Max Horkheimer, Claudine Haroche e Herbert Marcuse que de algum modo investigaram a virilidade, tendo em vista explicitar a confluência da masculinidade com as estruturas hierárquicas de dominação do sistema capitalista.

Para esboçarmos os primeiros traços do desenho proposto, voltemo-nos ao retrato da família burguesa na sociedade moderna. Em **Autoridade e família** (1936), o filósofo alemão Max Horkheimer (1895 – 1973) localiza a autoridade introjetada na estrutura da família burguesa, ocupando o lugar do deus cristão do período medieval, agora destronado pelas ciências e pela razão iluminista, ao qual era imposta aos indivíduos obediência. (Cf. HORKHEIMER, 1990, p. 215; 232)

Com a queda da hegemonia da religião cristã, a organização da sociedade e os papéis de homens e mulheres são redesenhados. Se no período medieval a feminilidade fora

# EROTISMO E CRIAÇÃO CONTRA INAUTENTICIDADE, VIRILIDADE E AUTORITARISMO: É POSSÍVEL MUDAR AS REGRAS DO JOGO?

Juliana Oliva

forjada a partir da incompreensão da natureza e considerada misteriosa e então associada aos pecados da mitologia cristã, com a ascensão do uso da razão, caem os mitos e estes papéis deixam de ser necessários para sustentar o lugar ao qual a mulher é relegada. Os mitos caem porque a técnica evolui. O homem detém a técnica, substitui a força física pela posse monetária e torna-se o provedor da família. Mas a situação da mulher permanece inferior e ainda, nessa situação, ela também tem a função de um “elemento reprodutor de autoridade”. É por meio do respeito à mãe que são incorporados os símbolos de forças conservadoras pelos indivíduos, que aprendem então a dominar seus “impulsos socialmente nocivos”. Nesse sentido, a mulher também reproduz a autoridade em suas relações, mas o faz do seu próprio lugar submisso. (Cf. HORKHEIMER, 1990, p. 231)

Por outro lado, vale notar que, para Horkheimer, é também nas relações estabelecidas no próprio ambiente doméstico que a mulher pode experimentar expressões contrárias à receptividade de forças autoritárias e contrárias ao universo masculino. (Cf. HORKHEIMER, 1990, p. 229-230) Essa recusa torna-se possível porque o ambiente doméstico estaria de algum modo mais protegido, além de mais distante, da desumanização do trabalho. Em **O segundo sexo**, Beauvoir contrapõe o universo dos gestos absurdos e cerimônias do marido à espontaneidade da esposa em contato com a realidade:

ele [o marido] deve obedecer o dia inteiro a seus superiores, usar colarinho e afirmar sua posição social; ela [a esposa] pode arrastar-se de roupão pelo apartamento, cantar, rir com as vizinhas; age como bem entende, corre pequenos riscos, procura alcançar eficientemente certos resultados. (BEAUVOIR, 2009, p. 811)

Para Beauvoir, fazer as contas para as compras no mercado, alimentar uma criança, lavar roupa, preparar uma refeição são atividades marcadas pela contingência que a mulher experimenta sem alienar-se nas armadilhas da lógica e da moral masculina. Ao contrário, certa indisciplina marca os pensamentos, emoções e reações das mulheres.

Eis por que sua conversa é muito menos tediosa do que a do marido, desde que fale em seu próprio nome e não como leal metade de seu senhor. Ele enuncia ideias ditas gerais, isto é, palavras, fórmulas que se encontram nas colunas de seu jornal ou em obras especializadas; ela oferece uma experiência limitada mas concreta. A famosa “sensibilidade feminina” participa um pouco do mito, um pouco da comédia; mas o fato é, também, que a mulher se mostra mais atenta do que o homem a si mesma e ao mundo. (BEAUVOIR, 2009, p. 811)

# EROTISMO E CRIAÇÃO CONTRA INAUTENTICIDADE, VIRILIDADE E AUTORITARISMO: É POSSÍVEL MUDAR AS REGRAS DO JOGO?

Juliana Oliva

Nesse sentido, no próprio ambiente familiar os mecanismos dos encargos sociais e econômicos do mundo masculino podem ser contestados por um “elemento antiautoritário”. Para Horkheimer, a família pode ser compreendida como “um reservatório de forças de resistência contra a desumanização do mundo.” (HORKHEIMER, 1990, p. 229) O mesmo homem desumanizado lá fora, por seu amor que enquanto filho dedica à mãe pode plantar a semente “de um traço oposicionista permanente” (HORKHEIMER, 1990, p. 230). Mas em que medida a própria mulher, cuja ação concreta no mundo está limitada por sua situação e pelo próprio cerceamento do ambiente doméstico e da maternidade compulsória, poderia contestar e transformar esse mundo masculino?

Se as mulheres encontram dificuldade em “construir solidamente um ‘contrauniverso’, a partir do qual possam desafiar os homens”, explica Beauvoir, é por estarem envoltas na apresentação do mundo “como um conjunto de casos singulares”, como fofocas, anedotas, horóscopos, receitas de beleza, e por estarem isoladas no próprio lar, apartadas do sentido universal de princípios lógicos, imperativos morais e leis da natureza. (Cf. BEAUVOIR, 2009, p. 801-802)

Por outro lado, Horkheimer reconhece no mesmo texto que na dependência da mulher da tutela social e jurídica do homem “sua própria realização está sendo bloqueada.” (HORKHEIMER, 1990, p. 229) Parece-nos então que encontramos-nos diante de um impasse sobre a escolha pelo mundo mais justo ou que abriria a possibilidade de ações concretas entre o masculino e o feminino.

Com essas tensões e desmedidas poderíamos repensar e repesar o que custeia esse campo aberto do universo masculino. Numa sociedade capitalista, a possibilidade de transcender a condição da espécie humana e a sua situação são desenhadas na hostilidade, na hierarquia e na instrumentalização.

Na conferência **Marxismo e feminismo** (1974) no Center for Research on Women na Stanford University, Herbert Marcuse (1898 – 1979), sugere que o rompimento da lógica do sistema capitalista poderia estar nas mãos das próprias mulheres, também como enfrentamento de uma sociedade sexista. A essa alavanca, ele denomina “socialismo feminista”. As demandas feministas por igualdade econômica, social e cultural seriam o caminho para a recusa da dominação e da exploração.



# EROTISMO E CRIAÇÃO CONTRA INAUTENTICIDADE, VIRILIDADE E AUTORITARISMO: É POSSÍVEL MUDAR AS REGRAS DO JOGO?

Juliana Oliva

Qualidades que compreendemos como femininas, como receptividade, sensibilidade, pacifismo e ternura, são tidas pelo filósofo como revolucionárias (Cf. MARCUSE, 1983, p. 13-14), ao passo que a masculinidade pode ser associada aos valores e ao princípio capitalista, dentre os quais estariam a força física e a própria virilidade. (Cf. MARCUSE, 1983, p. 112)

A persistência da dominação masculina e da virilidade nas sociedades democráticas ocidentais é apontada também por Claudine Haroche no texto **Anthropologies de la virilité: la peur de l'impuissance**. Para ela, a virilidade é sinônimo de força física ou simbólica, bem como moral. Mesmo que haja igualdade entre homens e mulheres perante às leis e questionamentos a respeito da virilidade enquanto característica natural, Haroche nota que persistem certas maneiras nas relações entre homens e mulheres, por exemplo, em locais privados e no ambiente de trabalho. (Cf. HAROCHE, 2011, p. 15-17)

Proximidade inapropriada, familiaridade embaraçosa, grosseria calculada: todas estas narrativas apresentam situações manifestas de desclassificação sub-reptícias. Outras formas de desclassificação insidiosa são praticadas na duplicidade: falsa cortesia, cordialidade exagerada, excesso de polidez.<sup>3</sup>

Por outro lado, entre os homens os vínculos são solidários e fraternos, de modo que esse tipo de relação entre semelhantes além de reforçar a inferiorização da mulher (Cf. HAROCHE, 2011, p. 21), também sustente a imagem da superioridade masculina encobrendo o que há de humano nos próprios homens.

Os homens devem ser fortes, mais ainda, devem se mostrar fortes. No entanto, considerados por si mesmos ou por outros, como 'naturalmente' viris, todos os homens temem sobretudo serem descobertos em sua vulnerabilidade, serem reconhecidos em sua impotência. De modo que a dominação masculina poderia também se explicar como uma tentativa de dominação da impotência masculina.<sup>4</sup>

<sup>3</sup> HAROCHE, 2011, p. 19, tradução nossa. No original: "Proximité déplacée, familiarité gênante, grossièreté calculée: tous ces récits présentent des situations manifestes de disqualification subreptices. D'autres formes de disqualification insidieuse sont à l'oeuvre dans la duplicité: fausse courtoisie, cordialité appuyé, excès de politesse."

<sup>4</sup> HAROCHE, 2011, p. 26, tradução nossa. No original: "Les hommes doivent être forts, plus encore se montrer forts. Pourtant, considérés, ou se considérant, comme "naturellement" virils, les hommes redoutent pardessus tout d'être découverts dans leur vulnérabilité, d'être reconnus dans leur impuissance. De sorte que la domination masculine pourrais également s'expliquer comme une tentative de domination de l'impuissance masculine."

# EROTISMO E CRIAÇÃO CONTRA INAUTENTICIDADE, VIRILIDADE E AUTORITARISMO: É POSSÍVEL MUDAR AS REGRAS DO JOGO?

Juliana Oliva

A industrialização e a urbanização massivas do final do século XIX e as Guerras Mundiais são marcos importantes para Haroche compreender a virilidade. Nesses momentos os homens estabelecem relações em grupo e consigo que reforçam tanto os vínculos fraternos como a virilidade. Há uma preocupação por parte deles com a impotência, principalmente no que diz respeito ao corpo, e a virilidade é a resposta ao medo da descoberta da sua vulnerabilidade. (Cf. HAROCHE, 2011, p. 23)

Faz-se necessário então a aceitação pelo próprio sujeito de sua impotência e, poderíamos dizer, de sua vulnerabilidade diante das incertezas do mundo e da imprevisibilidade da presença do outro. Aliás, vimos como a vida é desconsiderada e a subjetividade é diluída em atitudes inautênticas que decorrem do medo do vazio da existência. Recusar a própria impotência é desumanizar-se e ao afirmar a força de quem tudo pode, como na virilidade, o outro também é desumanizado. Mesmo com as conquistas de reivindicações feministas históricas e ainda que haja situações em que algumas mulheres tenham possibilidades de participarem do mundo construído pelos homens, há que se repensar a agressividade e a hierarquia que marcam as relações intersubjetivas. Cabe aqui então observar a oposição entre os valores viris do mundo masculino, a saber, da sociedade capitalista, e a construção da feminilidade, que dificulta as possibilidades de transcendência de sua situação para as mulheres. Marcuse aponta como estratégia uma “receptividade criativa contra produtividade repressiva”<sup>5</sup> de modo que as estruturas sejam alteradas pelo caminho identificado como “feminino”, o qual poderia desfazer a ideia do próprio “feminino”, e também a de “masculino”.

[Q]uando as qualidades femininas se diluírem, se incorporarão na infraestrutura da sociedade em sua totalidade, elas deixarão de ser qualidades especificamente femininas. É verdade que a agressividade primária seguiria existindo, mas provavelmente poderia acabar com a forma especificamente masculina, da dominação e da exploração. O progresso técnico, portador principal da agressividade produtiva abandonaria suas manifestações capitalistas e sua atitude destrutiva.<sup>6</sup>

<sup>5</sup> MARCUSE, 1983, p. 23, tradução nossa. Na edição espanhola: “receptividad creativa contra productividad represiva.”

<sup>6</sup> Idem Ibidem, tradução nossa. Na edição espanhola: “Y cuando las cualidades femeninas se diluyan, se incorporen en la infraestructura de la sociedad en su totalidad, dejarán de ser cualidades especificamente femeninas. Es verdad que la agresividad primaria seguiria existiendo, pero probablemente podría acabar con la forma, especificamente masculina, de la dominación y explotación. El progreso técnico, principal portador de la agresividad productiva, dejaría atrás sus manifestaciones capitalistas, dejaría atrás su destructividad.”

# EROTISMO E CRIAÇÃO CONTRA INAUTENTICIDADE, VIRILIDADE E AUTORITARISMO: É POSSÍVEL MUDAR AS REGRAS DO JOGO?

Juliana Oliva

Os passos propostos por Marcuse visam a saída do cenário capitalista de dominação e exploração. Ao deixar esse terreno, a virilidade perde sentido e tanto a masculinidade como a feminilidade perdem seus significados. Como vimos, a modernidade e o progresso técnico são sobrepostos à crença no sobrenatural que uma vez explicaram a natureza e a humanidade; nesse contexto Beauvoir observa em **O segundo sexo** que a relação entre homem e mulher se aproxima de uma relação de suserania e vassalagem: “O homem suserano protegerá materialmente a mulher vassala e se encarregará de lhe justificar a existência: com o risco econômico, ela esquiva o risco metafísico de uma liberdade que deve inventar seus fins sem auxílios.” (BEAUVOIR, 2009, p. 22) Pode-se dizer que há maiores ou menores possibilidades de a mulher transcender essa situação de vassala no casamento; porém, não é incomum que por uma atitude inautêntica ela a consinta. Ou seja, os aprendizados de sua formação não forneceram-lhe condições para reconhecer-se como sujeito autônomo, de modo que o risco metafísico da independência econômica não deixa de ser também um risco concreto, como sua situação, que a afeta enquanto corpo e subjetividade. Assim, a mulher não participa da luta pela reciprocidade entre as categorias Um e Outro – Homem e Mulher, respectivamente – porque não possui os meios para ganhar no mundo legitimado pelo homem. (Cf. BEAUVOIR, 2009, p. 208-209)

No casamento, a submissão da mulher ao parceiro pode ser compreendida como um laço. Na falta de meios concretos para transcender a categoria de Outro, esse enlace ganha ares de privilégio para a mulher, a quem resta a cumplicidade com aquele cuja subjetividade é reconhecida.

O homem que constitui a mulher como um *Outro* encontrará, nela, profundas cumplicidades. Assim, a mulher não se reivindica como sujeito porque não possui os meios concretos para tanto, porque sente o laço necessário que a prende ao homem sem reclamar a reciprocidade dele e porque, muitas vezes, se compraz no seu papel de *Outro*. (BEAUVOIR, 2009, p. 22)

O laço que sustenta essa cumplicidade do qual fala Beauvoir representa o vínculo entre mulher e homem sustentado pelo reconhecimento do último enquanto sujeito único da relação por parte da primeira, que compreende a si própria como inessencial. Reconhecimento unilateral, não mútuo; ao mesmo tempo, um ato generoso, mas sem reciprocidade.

# EROTISMO E CRIAÇÃO CONTRA INAUTENTICIDADE, VIRILIDADE E AUTORITARISMO: É POSSÍVEL MUDAR AS REGRAS DO JOGO?

Juliana Oliva

Para a estudiosa Debra Bergoffen, em **Simone de Beauvoir: (Re)counting the sexual difference**, por necessidade econômica e existencial, há um abandono da própria consciência à alteridade e à vulnerabilidade da experiência na dedicação da mulher ao parceiro. Ainda que esse laço represente um sacrifício, aspectos positivos da feminilidade que caracterizam o laço podem contribuir para pensarmos a relação intersubjetiva em outros termos. (Cf. BERGOFFEN apud OLIVA, 2018, p. 192)

No caso dos vínculos estabelecidos entre os homens, vimos com Haroche que essas relações são constituídas no âmbito da fraternidade ao mesmo tempo em que exaltam a virilidade que mascararia a condição de impotência destes enquanto seres humanos. A marca viril da masculinidade impele o homem à transcendência e assim, à afirmação da sua subjetividade. Aqui o sentido hegeliano de luta por reconhecimento pode ser aplicado uma vez que as posições de sujeito e objeto são intercambiáveis. Os homens possuem os meios concretos para enfrentar o risco e o vacilo da ambiguidade diante de um outro: “o sujeito ambíguo se move entre o desejo de ser e o desejo de deixar ser.”<sup>7</sup> Esse risco do sujeito, se associado à violência, à conquista e à competição, é valorizado na sociedade patriarcal. (Cf. BERGOFFEN, 2006, p. 255-256; 259)

## 5.

Para esta breve reflexão, recuperamos alguns aspectos fundamentais do existencialismo beauvoiriano para compreender a importância da atitude moral em seu pensamento. O reconhecimento da ambiguidade sujeito/objeto que caracteriza a condição humana pelo existente em si mesmo e no outro a cada um de seus atos pelos quais forja sua presença no mundo é basilar tanto para o desvelamento do mundo como para a relação intersubjetiva autêntica. A assunção da ambiguidade na intersubjetividade é central na relação erótica autêntica descrita por Beauvoir em **O segundo sexo**; no encontro sexual entre dois indivíduos, livres, que enquanto subjetividades desejam um ao outro ao mesmo tempo em que entregam-se enquanto carne ao desejo da subjetividade alheia. Na imagem do erotismo autêntico, a generosidade do reconhecimento espontâneo do outro – a saber, neste caso,

<sup>7</sup> BERGOFFEN, 2001, p. 160, tradução nossa. No original: “the ambiguous subject moves between the desire to be and the desire to let be.”

# EROTISMO E CRIAÇÃO CONTRA INAUTENTICIDADE, VIRILIDADE E AUTORITARISMO: É POSSÍVEL MUDAR AS REGRAS DO JOGO?

Juliana Oliva

reconhecimento mútuo – na relação revela-nos um caminho para a reciprocidade que desvia da luta em que a consciência visa a morte do outro.<sup>8</sup>

As atitudes inautênticas percorridas também neste artigo ecoam o medo do vazio da existência e da responsabilidade pela liberdade que redundam na diluição da subjetividade, ou seja, na desumanização de si e por conseguinte do outro. Vimos situações em que o indivíduo que decide refugiar-se na má-fé na elevação de uma causa à qual serve acima de seu próprio desvelamento do mundo termina instrumentalizado por projetos erigidos às custas do sangue dos outros, como a colonização.

Associamos esses grandes projetos fundamentados na desumanização – sobretudo aqueles da sociedade burguesa moderna, que elevam o progresso e a técnica acima da vida humana – ao aprendizado da virilidade. O peso das forças autoritárias faz-se presente no seio da família burguesa e recai sobre cada membro conforme o papel masculino ou feminino a ser exercido no lar ou, no caso dos homens, lá fora, na construção do mundo.

Assim, falar em construção da feminilidade nos limites da categoria de Outro implica em falar da construção da masculinidade calcada na virilidade que move as engrenagens da lógica agressiva do sistema capitalista. Na situação que atravessamos<sup>9</sup>, infelizmente, podemos encontrar ecos desse entrelaçamento. São traços de autoritarismo a tática de militarização do governo civil e o ataque às instituições democráticas presentes no governo de Jair Messias Bolsonaro.<sup>10</sup> Além disso, as aparições públicas do atual presidente da república desde a campanha eleitoral de 2018 são marcadas por falas misóginas, racistas, homofóbicas e de ataques a outros grupos inferiorizados na sociedade em que o homem branco cisgênero heterossexual é afirmado como sujeito absoluto. Miguel Lago, na matéria **Bolsonaro fala outra língua**, cita um exemplo do teor das falas do presidente:

<sup>8</sup> É importante destacar que a situação feminina tem como uma de suas principais bases a interpretação negativa do corpo da fêmea da espécie humana e ainda, a redução da mulher enquanto carne. Objetificada nas várias esferas da sociedade patriarcal, vemos em *O segundo sexo* que uma mulher dificilmente experiencia a relação erótica como sujeito autônomo que realiza-se livremente enquanto liberdade e entrega-se ao outro enquanto carne. Do mesmo modo, nessas mesmas relações, o homem é tido como aquele que “possui” a sua parceira, a qual é vista apenas enquanto corpo. (Cf. OLIVA, 2018, p. 193-196).

<sup>9</sup> Este artigo foi redigido em Março/2022. Em Dezembro do mesmo ano, durante o período de leitura de prova para publicação, as eleições para a presidência do Brasil já estavam concluídas e tínhamos a notícia do fim do governo Bolsonaro. Nas urnas dissemos não à escalada autoritária e em 2023 voltaremos ao jogo democrático com o retorno de Luiz Inácio Lula da Silva do Partido dos Trabalhadores (PT) à presidência.

<sup>10</sup> No Brasil, pesquisadores de diferentes áreas, como a historiadora e professora de Antropologia Lilia Shwarcz e o professor de Filosofia Marcos Nobre, tem se debruçado para compreender a escalada do autoritarismo no país dos últimos anos. **Lilia Shwarcz e Marcos Nobre debatem bolsonarismo**. Agência Pública. 22 fevereiro de 2021. Disponível em <https://apublica.org/video/2021/02/o-bolsonarismo/>

# EROTISMO E CRIAÇÃO CONTRA INAUTENTICIDADE, VIRILIDADE E AUTORITARISMO: É POSSÍVEL MUDAR AS REGRAS DO JOGO?

Juliana Oliva

Não é de admirar o espanto dos jornalistas com as suas respostas, que não faziam o menor sentido. Os jornalistas falam uma língua, Bolsonaro outra. Por exemplo, quando perguntado se, possuindo casa própria, ele considerava ético receber auxílio-moradia para manter outro apartamento apenas para “comer gente” (como ele próprio afirmou), o deputado disse: “Se fosse pra dar não teria problema, né?”<sup>11</sup>

Lago observa que quando recusa a responder sobre temas importantes no cenário político levantados pelas perguntas de jornalistas, Bolsonaro aproveita para difundir a homofobia e na mesma toada emite outras respostas “com energia, pitadas de revolta e muita agressividade”.

Em texto para o portal da revista Carta Capital publicado no ano de 2019, a cientista social Esther Solano destaca frases do atual presidente seguidas de dados relacionados à situação dos indivíduos agredidos por aquelas falas:

“Prefiro ter um filho morto em acidente a um homossexual.” Segundo o relatório anual do Grupo Gay da Bahia, Mortes Violentas da População LGBT no Brasil, em 2018 foram registradas 420 mortes – por homicídio ou suicídio decorrente da discriminação – de integrantes da população homoafetiva e transexual.

“Eu tenho cinco filhos. Foram quatro homens, a quinta eu dei uma fraquejada e veio uma mulher.” Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, no ano passado [2018] foram registrados 1.173 casos de feminicídio. Também durante a campanha eleitoral conversei com várias mulheres com medo de sofrer violência de seus companheiros porque estes teriam se tornado mais agressivos depois de começar a seguir fervorosamente o “mito”.<sup>12</sup>

Solano destaca dados sobre as mortes de mulheres e da população homoafetiva e transexual decorrentes de discriminação. Atualmente no Senado Federal, em consonância com a defesa do armamento da população presente na campanha eleitoral de Bolsonaro, a bancada governista tenta aprovar na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), após aprovação na Câmara dos Deputados, o Projeto de Lei nº 3.723/2019 apresentado pelo Executivo. Apelidado de “PL da Bala Solta”, este projeto apresenta uma redação que facilita ainda mais o acesso e o porte de armas e munições para caçadores, atiradores e colecionadores (CACs).

<sup>11</sup> **Bolsonaro fala outra língua.** Folha. 13 agosto 2018. Disponível em <https://piaui.folha.uol.com.br/bolsonaro-fala-outra-lingua/>

<sup>12</sup> A masculinidade tóxica deriva do medo, que vira ódio e violência. Carta Capital. 07 setembro 2019. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/a-masculinidade-toxica-deriva-do-medo-que-vira-odio-e-violencia/>



# EROTISMO E CRIAÇÃO CONTRA INAUTENTICIDADE, VIRILIDADE E AUTORITARISMO: É POSSÍVEL MUDAR AS REGRAS DO JOGO?

Juliana Oliva

Além da flexibilização das normas para o porte de armas, o referido projeto não facilita a fiscalização das aquisições e do trânsito de equipamento do mercado legal para o ilegal.<sup>13</sup>

Uma análise acurada tanto do projeto de lei como dos dados e das falas mencionados nesta última seção transbordariam os limites e o formato deste artigo mas não escapam de seu escopo. Deixamos fatos para alguma conclusão. Afinal, Beauvoir construiu seu pensamento filosófico existencial a partir de uma perspectiva fenomenológica, levando em consideração a singularidade do próprio fenômeno, a saber, a partir do mundo como este nos aparece.

Os fenômenos que compõem o fundo comum experienciado pelas mulheres são cruciais em **O segundo sexo** até mesmo para que Beauvoir identifique os sujeitos de quem fala quando refere-se às mulheres sem cair numa falsa definição que pretenda dizer o que é “a mulher”. Além do texto informativo, como as referências sobre a atual situação política brasileira mencionadas neste artigo, a linguagem literária é muito cara a Beauvoir. Diferente da informação, a literatura permite-nos superar os outros modos de comunicação por meio da afirmação daquilo que nos separa. O momento captado pela realidade por um único sujeito, sua verdade parcial, pode converter-se na verdade de um outro eu sem que a própria subjetividade seja abandonada. Para Beauvoir, a literatura pode proporcionar a quem lê um texto de ficção “o gosto de outra vida”. (BEAUVOIR, 1966, p. 74)

Ainda que haja diferenças significativas entre a escrita poética da letra de música e a literatura, a epígrafe deste trabalho<sup>14</sup> – arrisco afirmar –, tal como o texto ficcional, extrapola tanto a linguagem informativa como o ensaio filosófico. Fora dos rigores jornalísticos ou acadêmicos, o trecho da letra **Master and Servant** do álbum **Some Great Reward** (1984) da banda inglesa Depeche Mode comunica-nos, se pudermos mobilizar os

<sup>13</sup> Conforme a matéria de Raquel Lopes **Embalada por decretos de Bolsonaro, venda de munições para CACs dobra em 2021**. Folha de S. Paulo. 6 março 2022. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/03/embalada-por-decretos-de-bolsonaro-venda-de-municoes-para-cacs-dobra-em-2021.shtml>

<sup>14</sup> Na conclusão do presente trabalho é proposto um excuro que pode ser lido como ponto de partida. Nos períodos de isolamento e de distanciamento social durante esta pandemia de COVID-19, que teve início no ano de 2020, escutar música foi um dos grandes escapes da lógica cotidiana em que contávamos dias, contaminações, mortes e leitos de hospitais ocupados. No meu caso, fiz uma imersão na discografia da banda inglesa Depeche Mode. A escuta dos inúmeros álbuns foi experienciada não apenas como entretenimento, mas também perpassada por reflexões sobre nosso próprio tempo. Assim, um trecho de uma letra é destacado na epígrafe deste artigo como ponto inicial, indicando o mote deste trabalho. As reflexões apresentadas até aqui são desdobramentos da minha tese de doutorado, porém, alguns dos entrelaçamentos propostos são gerados por minha escuta de um outro tempo a partir de determinada abordagem, por meio da música, sobre as relações entre dominação, trabalho e erotismo em tempos sombrios.



# EROTISMO E CRIAÇÃO CONTRA INAUTENTICIDADE, VIRILIDADE E AUTORITARISMO: É POSSÍVEL MUDAR AS REGRAS DO JOGO?

Juliana Oliva

termos de Beauvoir, “o gosto de outra vida” na Inglaterra da década de 1980 sob o governo de Margaret Thatcher.<sup>15</sup>

Em **Time Will Crawl: Representation of 1980s Cold War Culture and Politics in Popular Music in the West**, Alex Robbins observa que a mudança nos estilos musicais coincidem com a ascensão de governos conservadores no Ocidente. (ROBBINS, 2017, p. 7) Estilos como *post-punk*, *industrial*, *new wave*, e mesmo o *pop mainstream* representam a abundância de gêneros musicais que Robbins considera “subversivos” naquele período. Os próprios instrumentos da classe trabalhadora aparecem como ferramentas de expressão em um dos estilos: “a música industrial moderna serviu como uma resposta violenta à opressão capitalista e deu voz à pessoa do dia a dia em uma sociedade industrializada”.<sup>16</sup> A dificuldade de acesso a instrumentos musicais e a raiva e a frustração de jovens da classe trabalhadora geram uma cena experimental na Berlim Ocidental, da qual o grupo Einstürzende Neubauten se destaca. (Cf. ROBBINS, 2017, p. 18) É o Neubauten uma das fortes influências de **Construction Time Again**, álbum de 1983 do Depeche Mode, gravado e produzido entre Londres e Berlim Ocidental, no qual a banda incorpora o uso de *samplers* e experimentos a partir de *found sounds* – a saber, de paisagens sonoras – das ruas de ambas as cidades em que o álbum é realizado. Nas gravações, o som da ambiência da construção civil é presente, como o ruído da pedra que rola por uma estrutura metálica, assim como são marcantes também os elementos que fazem referência à classe trabalhadora e a correntes de esquerda nas artes gráficas de capas do disco e seus *singles*. Além disso, política, economia e mudanças climáticas começam a aparecer nas letras da banda escritas por Martin Gore. (Cf. ROBBINS, 2017, p. 28)

**Some Great Reward** também é realizado entre Londres e Berlim Ocidental. Na capa, de autoria de Brian Griffin, vemos um casal de noivos em frente a uma fábrica da Round Oak Steelworks, área industrial inglesa de produção de aço. A imagem vai ao encontro da letra da segunda faixa, **Lie to Me**, em que a expressão que nomeia o álbum aparece:

<sup>15</sup> Sobre o cenário do período, citamos um pequeno excerto de **Era dos extremos** do historiador Eric Hobsbawm para contextualização: “Encerrou-se um extenso período de governo centrista e moderadamente social-democrata, quando as políticas econômicas e sociais da Era de Ouro pareciam fracassar. Governos da direita ideológica, comprometidos com uma forma extrema de egoísmo comercial e *laissez-faire*, chegaram ao poder em vários países por volta de 1980. Entre esses, Reagan [nos Estados Unidos] e a confiante e temível sra. Thatcher na Grã-Bretanha (1979-1990) eram os mais destacados.” (HOBSBAWM, 1995, p. 245)

<sup>16</sup> ROBBINS, 2017, p. 18, tradução nossa. No original: “modern industrial music served as a violent response to capitalist oppression and gave a voice to the everyday person in an industrialized society.”

# EROTISMO E CRIAÇÃO CONTRA INAUTENTICIDADE, VIRILIDADE E AUTORITARISMO: É POSSÍVEL MUDAR AS REGRAS DO JOGO?

Juliana Oliva

So lie to me  
Like they do it in the factory  
Make me think that at the end of the day  
Some great reward  
Will be coming my way  
Come on and lay with me  
Come on and lie to me  
Tell me you love me  
Say I'm the only one<sup>17</sup>

Na letra, que remete-nos a uma analogia entre a dominação da relação laboral e a entrega no encontro sexual, a recompensa ao final da jornada de trabalho está para o sentimento de ser o único amado. Em **Some Great Reward**, a banda prossegue com a proposta tanto sonora, baseada em uma atmosfera industrial como com a abordagem de temas políticos e sociais do álbum anterior, mas Gore direciona o foco de parte significativa das letras às relações afetivo sexuais.<sup>18</sup>

No caso de **Master and Servant**, partindo do título não é difícil não nos recordarmos das imagens do senhor e do escravo da dialética hegeliana; porém, segundo o Cambridge Dictionary, *servant* refere-se ao empregado doméstico e também ao servidor público, enquanto *slave* é utilizado para o indivíduo escravizado, quando ele próprio e seu trabalho pertencem a alguém. Ainda assim, o tema da dominação está posto na letra, cuja inspiração principal são os clubes sadomasoquistas frequentados por Martin Gore na Berlim Ocidental durante o trabalho com **Some Great Reward**.

Trevor Baker cita Gore para sustentar a relação que sugere entre **Master and Servant** e o álbum anterior, **Construction Time Again**, no que concerne a uma temática político social de fundo:

“[**Master and Servant**] é sobre dominação e exploração... usando um ângulo sexual para que aquele tema seja entendido”, Martin explicou a Eleanor Levy da *Record Mirror*. Entretanto, ele admitiu que “o que aquela música está dizendo é que aquelas duas pessoas estão desfrutando e obtendo satisfação disso porque as lembra de suas vidas fora do quarto.”<sup>19</sup>

<sup>17</sup> Então mente para mim / Como fazem na fábrica / Faça-me achar que no final do dia / Alguma grande recompensa / Virá ao meu encontro / Vem e deite comigo / Vem e mente para mim/ Diz que me ama / Que sou o único (DEPECHE MODE, 1984, tradução nossa.)

<sup>18</sup> O tema das relações afetivo sexuais está presente em grande parte das letras de **Some Great Reward** por perspectivas variadas e por vezes opostas, como é o caso das faixas **Somebody** e **Stories of Old**.

<sup>19</sup> “It’s about domination and exploitation... and using a sexual angle to get that point across’, Martin explained to Eleanor Levy of *Record Mirror*. However, he did admit that, ‘what the song’s saying is that

# EROTISMO E CRIAÇÃO CONTRA INAUTENTICIDADE, VIRILIDADE E AUTORITARISMO: É POSSÍVEL MUDAR AS REGRAS DO JOGO?

Juliana Oliva

Diferente de **Lie to Me**, a letra de **Master and Servant** não explicita no uso da palavra “vida” (*life*) o contexto do trabalho. Mas vale notar o contraste entre feminino e masculino nas cenas cotidianas de trabalho, doméstico e braçal, respectivamente, no videoclipe da música, entrecortadas por imagens que remetem-nos ora a manifestações populares por direitos das mulheres ora à circulação de parlamentares por recintos legislativos.

Nesse sentido, o jogo, a brincadeira, ou ainda, a encenação que a palavra *play* propõe na cama ou na vida, que sugere que a igualdade seja esquecida e evoca certa hierarquia que distingue alguém que está por cima e o outro que está por baixo<sup>20</sup>, poderia evocar, por exemplo, uma imagem de desigualdade social e política na realidade fora do quarto.

Por outro lado, Jon Alvik, que dedica um capítulo em **Modalities of Desire: Representations of Sadomasochism in Popular Music** à análise da masculinidade em **Master and Servant** chama a nossa atenção para o sujeito *we* (“nós”) na letra, que faz referência ao caráter consensual da relação na prática sadomasoquista, observação que vai ao encontro da declaração de Gore sobre o desfrute da relação descrita. Ainda, Alvik discute também possíveis inversões dos papéis de gênero na música.

Da análise minuciosa de Alvik por perspectivas que englobam tanto a letra, como a tonalidade e o instrumental, além da performance da música, dentre outros aspectos, podemos enveredar por diversas reflexões. Porém, nos limites da proposta deste artigo e buscando retomar nosso ponto de partida, destacamos que autor aponta uma dimensão teatral tanto em *play* como em *game* (“jogo”) e sugere a possibilidade de compreensão de **Master and Servant** como uma paródia das relações de poder da sociedade patriarcal. (CF. ALVIK, 2008, p. 66)

Inversões de papéis e paródias que questionem a hierarquização da intersubjetividade que sustenta situações de opressão são de nosso interesse. E neste caso a letra da banda Depeche Mode é oportuna pelo convite ao jogo consensual desfrutado na cama

---

these two people are indulging in this and getting fulfilment from it because it reminds them of their lives outside the bedroom.” (BAKER, 2013)

<sup>20</sup> “It's a lot like life, this play between the sheets / With you on top and me underneath / Forget all about equality / Let's play 'Master And Servant'” (DEPECHE MODE, 1984, tradução nossa: “É muito parecido com a vida, este jogo entre os lençóis / Com você por cima e eu por baixo / Esqueça tudo que concerne à igualdade / Vamos jogar ‘Mestre e Servo’”). Para o verbo *play*, traduzido aqui como “jogar”, caberiam também os verbos “brincar” e “encenar” na tradução para o português.

# EROTISMO E CRIAÇÃO CONTRA INAUTENTICIDADE, VIRILIDADE E AUTORITARISMO: É POSSÍVEL MUDAR AS REGRAS DO JOGO?

Juliana Oliva

lançar luz naquilo que está fora do quarto. O consenso pode ser a regra do jogo, assim como expressões contrárias à receptividade de forças autoritárias salientadas por Horkheimer e a sugestão de Marcuse de uma “receptividade criativa contra produtividade repressiva” podem ser caminhos possíveis. Somadas ao erotismo da moral beauvoiriana, essas propostas podem inspirar-nos na resistência e no combate às forças autoritárias.

## Referências bibliográficas

**A masculinidade tóxica deriva do medo, que vira ódio e violência.** Carta Capital. 07 setembro 2019. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/opiniaio/a-masculinidade-toxica-deriva-do-medo-que-vira-odio-e-violencia/>

ALVIK, Jon M. B. **Modalities of Desire: Representations of Sadomasochism in Popular Music.** Masters thesis University of Oslo, 2008.

BAKER, T. **Depeche Mode - The Early Years 1981-1993.** London: Music Press Books, 2013 (e-book) Disponível em <https://books.google.com.br/books?id=RSa3DwAAQBAJ&lpg=PP1&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false>

BEAUVOIR, S. **Idealismo moral e realismo político.** In: \_\_\_\_\_. **O existencialismo e a sabedoria das nações.** Tradução: Manuel de Lima e Bruno da Ponte. Lisboa: Minotauro, 1965, p.43-78.

\_\_\_\_\_. et al. **Para qué sirve la literatura?** Tradução: Floreal Mazia. Buenos Aires: Proteo, 1966.

\_\_\_\_\_. **Por uma moral da ambigüidade.** Tradução: Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

\_\_\_\_\_. **O segundo sexo.** Tradução: Sérgio Milliet. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 2v.

BERGOFFEN, D. **Simone de Beauvoir: (Re) counting the sexual difference.** In: CARD, C. (org.). **The Cambridge Companion to Simone de Beauvoir.** Cambridge University Press, 2006, p. 248-265.

**Bolsonaro fala outra língua.** Folha. 13 agosto 2018. Disponível em <https://piaui.folha.uol.com.br/bolsonaro-fala-outra-lingua/>

CONSTRUCTION TIME AGAIN. Depeche Mode. Londres; Berlim: Mute Records: 1983. (42:26 min).

DEPECHE MODE. **Lie to Me.** Londres; Berlim: Mute Records: 1984. (5:04 min).

**EROTISMO E CRIAÇÃO CONTRA INAUTENTICIDADE,  
VIRILIDADE E AUTORITARISMO: É POSSÍVEL MUDAR AS  
REGRAS DO JOGO?**

Juliana Oliva

DEPECHE MODE. **Master and Servant**. Londres; Berlim: Mute Records: 1984. (4:13 min).

**Embalada por decretos de Bolsonaro, venda de munições para CACs dobra em 2021.** Folha de S. Paulo. 6 março 2022. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/03/embalada-por-decretos-de-bolsonaro-venda-de-municoes-para-cacs-dobra-em-2021.shtml>

HAROCHE, C. **Anthropologies de la virilité. La peur de l'impuissance**. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Ed.). **Histoire de la virilité: Tome III La virilité en crise? XXe-XXIe siècle**. Paris: Seuil, 2011

HEGEL, G.W.F. **Fenomenologia do espírito**. Tradução: Paulo Meneses, com a colaboração de Karl-Heinz Effen. 2ª ed. Petropolis, RJ: Vozes, 1992. 2v.

HOBSBAWM, E. J. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HORKHEIMER, M. **Autoridade e família**. In: \_\_\_\_\_. **Teoria crítica: uma documentação**. Tradução: Hilde Cohn. São Paulo: Perspectiva, 1990, p. 232

**Lilia Schwarcz e Marcos Nobre debatem bolsonarismo**. Agência Pública. 22 fevereiro 2021. Disponível em <https://apublica.org/video/2021/02/o-bolsonarismo/>

MARCUSE, H. **Marxismo y feminismo**. In: \_\_\_\_\_. **Calas en nuestro tiempo**. Tradução de Pedro de Madrigal. Barcelona: Icaria Editorial, 1983, p. 7-26

MASTER and Servant, Clive Richardson (diretor), 1984, 3:50 min. Disponível em [http://archives.depechemode.com/video/music\\_videos/10\\_master\\_and\\_servant.html](http://archives.depechemode.com/video/music_videos/10_master_and_servant.html) Data de acesso: 24 março 2022.

OLIVA, J. **Da sexualidade reificada à reciprocidade erótica no pensamento de Beauvoir**. Tese (Doutorado em Filosofia). Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo. UNIFESP, Guarulhos, 2018.

ROBBINS, A. **Time Will Crawl: Representation of 1980s Cold War Culture and Politics in Popular Music in the West** (2017). History Undergraduate Publications and Presentations. Disponível em: [https://pilotscholars.up.edu/hst\\_studpubs/7](https://pilotscholars.up.edu/hst_studpubs/7)

SOME GREAT REWARD. Depeche Mode. Londres; Berlim: Mute Records: 1984. (40:18 min).